
SESSÕES DO PLENÁRIO

9ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 17 de abril de 2009.

PRESIDENTE: DEP. YULO OITICICA *AD HOC*

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Bom-dia a todos.

É um prazer para a Assembleia Legislativa receber um dos maiores movimentos sociais deste País, senão do planeta Terra, o MST.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão em homenagem aos 25 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, proposta por mim.

Para compor a Mesa, convido um militante histórico desse movimento, não só na Bahia, mas em todo o País, que continua militante do MST, o secretário do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, Valmir Carlos da Assunção. (Palmas)

Gostaria de convocar para a Mesa um funcionário público federal que tem sido um homem que, dentro dos limites que muitas vezes o angustiam, tem feito desse importante instrumento um instrumento de luta para garantir o direito constitucional à terra pela reforma agrária, o superintendente de Agricultura Familiar, Ailton Florêncio, representando o secretário da Agricultura, Roberto Muniz. (Palmas)

Convido também um companheiro que muito nos enobrece, que tem a coragem de tantas e tantas vezes sair do relativo conforto do ar condicionado de uma estrutura federal para estar nos acampamentos, para estar também na luta, levando a informação e ajudando o movimento social a cumprir o seu papel de pressão. Muitas vezes a ele dizíamos que antigamente nós ocupávamos o Incra, hoje, nós visitamos o Incra. Quero chamar o companheiro superintendente regional do Incra, Luiz Gugé Santos Fernandes. (Palmas)

Para que esta Mesa fique mais bonita, ou melhor, para que fique bonita, quero chamar uma mulher, que é uma bela mulher, é verdade, mas é muito mais notada por sua capacidade de resistir, lutar, formular e representar e esse movimento em todo o País, a diretora nacional do MST, Vera Lúcia Barbosa. (Palmas)

Chamo agora uma bela e competente mulher, que assume um importante desafio hoje, que é o de garantir às nossas crianças, que já foram castigadas por um Estado que não lhes garantia os direitos, e que hoje cumprem pena sócio-educativa, a diretora-adjunta da Fundac, Roberta Sampaio. (Palmas)

Chamo um companheiro que também não abre mão de lutar pelo direito à alimentação, o direito à terra e que é, de fato, alguém que podemos chamar de companheiro nesse instrumento fundamental do fortalecimento dessa nova democracia do País, que é o controle social, a participação da sociedade, o presidente do Consea,

Carlos Eduardo Leite. (Palmas)

Também quero chamar para a Mesa o nosso companheiro Luís Anselmo Pereira de Sousa, que é coordenador executivo deste instrumento importante nosso que é o CDA. (Palmas)

Agora, teremos, como de costume, a luta, como dizia o sempre presente Guevara, feita de dureza e de ternura, convocar, convidar os nossos companheiros do Movimento para apresentação de uma mística.

(Apresentação musical com encenação.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Gostaria de convidar para compor a Mesa a Exm^a Deputada Antônia Pedrosa (palmas); chamar também a honrosa presença do presidente do Partido dos Trabalhadores na Bahia, nosso companheiro Jonas Paulo (palmas); também convidar à Mesa o Secretário de Juventude do Partido dos Trabalhadores, Gabriel. (Palmas)

Como proponente desta sessão farei o meu pronunciamento.

O Sr. YULO OITICICA:- Paulinho está perguntando: E agora? Só quero, primeiro, dizer que agora não vai ser fácil e, segundo, dizer que não existe neutralidade, não existe, não gosto disso, porque quando eu digo “ eu não gosto disso”, eu estou dizendo que não gosto daquilo. Portanto, para que fique bem claro que não há neutralidade, eu quero dizer de que lado eu estou.

(O orador coloca o boné do MST.) (Palmas, muitas palmas)

Quero saudar, mais uma vez, meu amigo, nosso amigo secretário de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, Valmir Assunção; o superintendente da Agricultura Familiar, Adailton Florêncio, que representa também aqui o nosso secretário Roberto Muniz, que tem gentilmente recebido o movimento por esses dias e usado um importante instrumento na democracia, o debate; o superintendente Regional do INCRA, nosso amigo e companheiro Luiz Gugé; Vera Lúcia Barbosa, Lucinha, essa brilhante mulher que é nossa representante nacional no movimento; a diretora adjunta da Fundac, nossa companheira Roberta Sampaio; o presidente do Consea, nosso companheiro Carlos “Caê”; o coordenador executivo da Coordenação de Desenvolvimento Agrário, nosso companheiro Luís Anselmo.

Saúdo também a nossa atuante deputada Antônia Pedrosa, que, sem dúvida, abrilhanta esta sessão especial; o presidente estadual do Partido dos Trabalhadores, Jonas Paulo, homem – com certeza, nessa retrospectiva que o movimento fez, constatou as tantas lutas empreendidas por ele, antes mesmo da existência desse importante instrumento do povo brasileiro, que é o PT.

Saúdo, ainda, o nosso companheiro Gabriel. Como Valmir Assunção e Gugé falaram, na Mesa só há jovens. Então chamamos Gabriel, que é da Juventude do PT, para que continuasse uma Mesa de jovens.

Início dizendo que quando estava vindo para cá, ouvia uma rádio dizer que o MST não se contentava em já estar na Secretaria da Agricultura; não se contentava com o governo estar aberto à discussão, dialogando. Não, além de tudo isso, iria ocupar, invadir a Assembleia Legislativa hoje.

O que eu poderia dizer, Ademário, meu companheiro vice-presidente do PT? Azar de quem diz isso. Esta Casa, outrora, era invadida. Hoje, é ocupada, porque também é do movimento. Agora, esta Assembleia não fecha as suas portas, o MST não

é mais atendido – como se fazia no passado, conforme disse Valmir – a alguns quilômetros daqui, violentamente. Naquela época, quebraram até o braço da liderança que comandava o movimento, que era o companheiro Valmir Assunção.

Esta Casa, verdadeiramente, tem que se abrir. E se eles acham que isso é invasão, infelizmente ainda não perceberam que os verdadeiros criminosos, muitas vezes, usam um monte de estrelinhas no ombro e são coronéis da Polícia; não notaram que os bandidos, muitas vezes, estão bem trajados, de paletó e gravata. (Palmas). E a tentativa de criminalizar o movimento social, Caê, é nada mais nada menos do que dizer que eles não têm resistência para nos combater na força do diálogo, no bom debate das ideias.

São os pseudointelectuais da grande argumentação, mas não têm capacidade intelectual de debater conosco, de debater com vocês, aí partem para a truculência da carabina, do canhão, da arma de fogo. Não é essa a arma dos sem-terra. A arma dos sem-terra sempre foi o diálogo, a manifestação pacífica.

Eles morrem de medo da foice e do martelo, da foice e do facão. Mas, no fundo, no fundo, eles não querem identificar o que isso significa para nós. Ora, são símbolos da luta, mas são também instrumentos de trabalho, assim como é a caneta, atualmente, para Valmir Assunção; assim como sempre será o debate para nós. Portanto, esta sessão especial é um contraponto a essa tentativa de criminalizar o movimento social.

Esta sessão também é para dizer à Corte maior deste País, o Supremo Tribunal Federal, que muito dos seus membros, infelizmente – o nosso companheiro Valmir sabe muito bem o que estou dizendo –, tentam incansavelmente criminalizar os movimentos sociais no Brasil, porque ainda querem as capitânias hereditárias, porque ainda querem a velha ditadura e ainda sentem saudade da força bruta que instituída a partir dos brucutus na rua, a partir das botas pretas que tantas vezes pisaram a cabeça de companheiros e companheiras na nada saudosa ditadura militar.

Portanto, não temos dúvida de que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra reafirma, num momento como este, essa luta, da qual não vamos abrir mão. Esta não é uma luta só por terra, não é uma luta só por reforma agrária, essa é uma luta para construir um Brasil de todos, um Brasil democrático, um Brasil soberano.

(Lê) “Começamos com o que todo mundo sabe: o MST tem como marco de fundação o 1º Encontro Nacional dos Sem Terra, ocorrido em janeiro de 1984, na emblemática cidade de Cascavel, no Paraná. Disso sabemos agora, mas há 25 anos atrás ninguém sabia o que isso significaria. Aquele encontro marcou o surgimento deste que se tornou um dos mais importantes e mais consolidados dos movimentos sociais do Brasil.

Mas nos vemos hoje em meio a um dilema, pois, justamente nesta data, 17 de abril, lembramos de um outro aniversário, o doloroso massacre em Eldorado dos Carajás. Há exatos 13 anos predominou a truculência e o ódio das velhas elites contra o movimento social. Os números são absurdos, 69 pessoas mutiladas, centenas de feridos e 19 honrados trabalhadores tombados ante o poder inescrupuloso do capital, revestido das balas cegas de um Estado defensor da propriedade privada, deste mal que divide, que discrimina, que mata. Quanta ironia constatar que depois do vergonhoso massacre, o Estado reconheceu a improdutividade daquele chão e o desapropriou em favor dos Sem Terra. Tão cegos são os olhos da justiça que precisam banhar-se em

sangue para enxergar o óbvio? O quê celebramos hoje, afinal?

Ora, o MST brotou do olho do furacão, de um Brasil ainda submetido ao poder centralizado na ditadura dos militares, e se tornou um vendaval de mudanças, um incontável vento anunciador de novos tempos, reivindicador de efetiva democracia e de justiça social. A elite brasileira, em sua maioria arraigada na posse da terra, jamais se conformou com a audácia dessas mulheres e desses homens que, empunhando sua bandeira e suas ferramentas de trabalho bradaram a toda a Nação que têm direitos e que não abrem mão deles. Nem piedade, nem solidariedade, nem benevolência. Os trabalhadores Sem Terra querem Justiça Social, querem Reforma Agrária. Querem um chão para produzir, para morar, para viver.

O MST ousou e ousa contestar o poder das oligarquias rurais, do grande latifúndio, principal expressão da desigualdade social brasileira. Pautados na luta pela Reforma Agrária, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras da terra, marcham em defesa de um novo projeto de Brasil, de mudanças na estrutura de toda a sociedade, para que se alcance o desenvolvimento econômico aliado e condicionado ao desenvolvimento social.

Os Sem-Terra representam um dos mais importantes símbolos da vitória que os movimentos sociais vêm historicamente construindo contra a truculência e a repressão e, sem sombra de dúvida, podemos dizer que esse Movimento representa mesmo o ápice, o coroamento de tantas lutas travadas no interior do território brasileiro, pelo fim de tantas injustiças e em favor da igualdade. Sua bandeira de luta é sim revolucionária, pois contraria a lógica da desigualdade, exigindo solução para os problemas enfrentados pelo povo brasileiro com distribuição da terra”, criação de emprego, geração de renda, acesso à educação e à saúde de qualidade e estímulo à produção de alimentos, pois numa terra onde até os colonizadores observaram que basta plantar que tudo dá, não há justificativas para que ainda se moram homens e mulheres, brasileiros e brasileiras, de fome.

Por conta disso, as investidas contra o MST não são poucas e diversificam-se a cada dia. Tantas são as perseguições políticas, tantas as ameaças de morte, tantas as prisões injustas, tantas as difamações, tantas as torturas, tantas as mortes...”

E o nosso companheiro Juvêncio sabe do desafio de matar, a cada dia, um leão neste enfrentamento.

Eldorado dos Carajás é a expressão maior das consequências de toda luta por justiça numa sociedade fundada em injustiças. Não foi e não é diferente com os negros, com os índios que aqui estão, com as mulheres, com os jovens, com as crianças, com os pobres. Não pertencer à elite, na grande arena social do nosso Brasil, ainda é, muitas vezes, vencer, como disse, um leão a cada dia.

A Nação brasileira foi constituída sobre o latifúndio. E há um meio milênio esse fato vem determinando as relações no campo. A grande mudança, a que este País assistiu e tem assistido na discussão sobre a terra, foi exatamente promovida pelo MST que moveu a opinião pública para este tema essencial à vida do País, mas camuflado, ocultado e, muitas vezes, negligenciado.

Aqueles 19 trabalhadores, covardemente assassinados em 1996, juntam-se aos incontáveis mártires de nossa história. A todos eles devemos a democracia que vivemos hoje, uma democracia ainda incompleta, onde tantas vezes a liberdade se converte em

grilhões pela falta de oportunidade, pela negação do direito, pela repressão muitas vezes desmesurada. Mas é uma democracia, sim, uma valiosa conquista, resultado de uma luta que ainda atravessará muitas batalhas.

Porém, estamos certos de que, como outrora, os trabalhadores fazem tremer as bases e, felizmente, nestes momentos, fazem tremer, também, as bases da Europa capitalista ao contestar a perversidade da larga propriedade privada. Aqui estremecerão as elites fundiárias ao ver anunciar-se a Reforma Agrária.

Houve dúvida quanto à abolição da escravidão. Não tardou alimentar-se do sangue de muitos inocentes. Mas veio a sua consolidação e esta é uma conquista diária de nosso povo. Não será diferente da reforma agrária. Há quem duvide, mas a história provará. Ela virá com certeza. Os trabalhadores sem terra deste País a conquistarão. Não terá sido em vão o sangue derramado por esses companheiros.

O latifúndio ainda é a principal causa do empobrecimento das populações rurais, onde poucos concentram a terra e muitos amargam a fome. No quinto maior país do mundo, milhões de pessoas ainda vivem o drama de não ter um pedaço de chão. Esse é o principal dos problemas enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo brasileiro, pelos acampados, pelos assalariados rurais, pelos sem terra em geral.

Diante disso, não hesitaremos em afirmar que o futuro da nossa Nação passa, necessariamente, pela reforma agrária. São levas de pessoas excluídas das oportunidades de emprego e de outras formas de inclusão nos centros urbanos e parte significativa desse contingente é proveniente do êxodo imposto pelas dificuldades da vida no campo. Há de se criar condições para estimular a gente que vive da terra a conservar seus costumes, suas tradições e sua vocação.

(Lê) “O que vem a ser isso senão o cumprimento dos direitos constitucionalmente garantidos a todo cidadão? O que vem a ser isso, senão o cumprimento dos direitos constitucionalmente garantidos a todo cidadão? O que mais reivindicavam os mártires de Carajás senão garantia da Constituição? Foram eles vítimas de uma fatalidade ou alvo da intolerância e do autoritarismo ainda resistente nas relações de poder no campo? Um poder entranhado, cada vez mais, nas esferas decisivas dos rumos do país e, por vezes, manifesto na grande mídia, que tenta confundir a opinião pública, que, não raras vezes, criminaliza os movimentos sociais e defende os interesses das classes dominantes.

O que toda a sociedade tem que saber é que não alcançaremos o desenvolvimento que queremos sem Reforma Agrária. Não superaremos as mazelas sociais sem Reforma Agrária. Não desarticularemos a perversa desigualdade deste país sem Reforma Agrária. Queremos um país e uma Bahia de todos. Queremos que se corrijam as históricas injustiças cometidas contra a população pobre e rural deste país. Por séculos essa gente teve seus direitos violados, mas é preciso que se dê um basta nos desmandos. Portanto, enganaram-se os que pensaram que matando 1, 2, 10, 19 Sem Terra fariam o Movimento recuar, pois o sangue dos mártires fez a semente se espalhar. Aos que nos reprimem com a violência respondemos com resistência; aos que nos lançam as balas da intolerância, hasteamos a bandeira da justiça; aos que nos caluniam, impondo seu discurso, nós continuaremos com a verdade.

O que celebramos hoje, então?

Com certeza, celebramos a resistência, celebramos a vida!

Não há causa mais nobre que defender a vida; não há causa mais nobre a defendida pelo MST, afinal o que pode ser mais sublime que lutar pela justa partilha da renda, da riqueza, da terra, lutar por políticas públicas que garantam aos desassistidos dessa terra os seus direitos? Essa é uma luta por Direitos Humanos, é uma luta em defesa da vida. A ocupação ordeira de prédios públicos, as manifestações nas estradas, a ocupação de terras não são atos de vandalismo como muitos tentam fazer crer. São instrumentos de luta, são mecanismos de pressão sobre o Estado, sobre governos, sobre a justiça, sobre o Parlamento. São as demonstrações da coragem de um povo que vive em marcha rumo à mudança social, que continuará.

Celebramos um quarto de século de um Movimento que tem contra si poderosas forças, mas que tem nas veias o sangue de impávidos homens e mulheres do campo. Um Movimento que canta a vitória de se fazer presente em quase todos os estados deste país, de ter acampadas cerca de 130 mil famílias e outras 470 mil já assentadas. Celebramos hoje o respeito que o MST conquistou no Brasil e no mundo, sendo um modelo de organização popular, sem amarras políticas, com consciência de classe, com convicção de seus princípios. Há um provérbio popular que diz: 'quem quer faz, quem não quer manda'. O MST quer ver acontecer uma democracia de verdade, uma cidadania real, e é isso que ele faz acontecer. Que autoridade deste país não reconhece a importância do MST? Quem em território brasileiro não ouviu falar do MST? Quem em sua consciência ousa ignorar a presença dos trabalhadores e das trabalhadoras Sem Terra do Brasil? Se nos negam ouvidos a ordem é ocupar e resistir. Não em afronta à lei, mas para que a lei se cumpra, para que se garantam os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras desta terra.

Celebramos, sim, a vida, dom maior que o Criador nos concedeu. Os mártires de Carajás empregaram sua vida nessa luta, exerceram o mais sublime dos direitos humanos e ao morrerem nos deram mais vida, mais força, mais garra. Não é demais repetir: vocês não morreram em vão, companheiros! Condenamos a sua morte, a covardia do assassinato, a perversa frieza...”

(O Sr. Deputado Yulo Oiticica se emociona.) (Palmas!)

(...) “que segue se alimentando da seiva da impunidade. Mas nos inspiramos naquele abril sangrento para enrijecer a nossa luta em defesa da reforma agrária. E defendê-la não é simplesmente defender um pedaço de terra para cada família. É defender a construção de um novo Brasil, é re-escrever a nossa história, é defender que se dê voz e vez àqueles cujos braços edificaram cada tijolo da Nação que hoje temos. Defender a reforma agrária é defender a vida, pois de onde virá o sustento se não da terra?

Decerto muitos são ainda os que se perguntam: o que faz essa gente, sob sol e chuva, abrigados embaixo dessas lonas desconfortáveis, caminhando noite e dia feito nômades? O que quer afinal esse povo? Respondamos a eles em alto e bom som: QUEREMOS JUSTIÇA! E o que nos mantém na luta é a esperança de alcançá-la. Não são o sol, a chuva, a lona ou a caminhada que nos machucam, mas a intolerância, a truculência, a arrogância e o egoísmo das elites deste país. Na caminhada fazemos valer os nossos direitos, exercemos o que outros escreveram sob o nome de cidadania. Sim, queremos justiça, e justiça para nós tem outro nome.” E o nome da justiça é reforma agrária.

Se muitas vezes somos pegos com os extremos, Valmir, e eu percebo muito isso no seu exercício da militância frente a essa secretaria, muitas vezes o vejo muito entusiasmado e muitas vezes o vejo muito desesperado. Portanto, o meio, a mediação é a resistência dos militantes.

Entre a euforia e o desespero cada vez mais a resistência. Vida longa a esse nobre movimento que não se cala, que não teme, que vence os medos e é capaz de dizer que o nome de justiça social neste País é reforma agrária. Vida longa ao MST! (Palmas!)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Valmir Assunção):- Depois da fala do nosso deputado Yulo, que traçou a trajetória do nosso movimento no Brasil, gostaria de passar-lhe a presidência. Antes disso, convido o coordenador de reforma agrária do Estado, Luiz Anselmo, para falar pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. LUIZ ANSELMO:- Em nome do companheiro Yulo Oiticica, saúdo a todos os componentes da Mesa. E depois do pronunciamento que foi feito pelo companheiro, não resta muita coisa a falar.

Eu fiz questão de fazer uso da palavra, embora um pouco afônico, porque eu não podia deixar de marcar presença, de fazer um pronunciamento com relação à importância que tem o MST na luta pela reforma agrária no Brasil, pela luta da inclusão social daqueles contingentes que sempre ficaram à margem de todo o processo da luta social. O MST está de parabéns e também o companheiro Yulo Oiticica, ao marcar a homenagem ao movimento e a marcar a sessão solene nesse período do mês de abril, quando o movimento, em nível nacional, utiliza para celebrar a resistência em função dos assassinatos que culminaram na morte de 19 companheiros.

Eu não poderia deixar de estar aqui e fazer uma saudação, acreditando que é a perseverança, a determinação, a disciplina e a liderança no objetivo da conquista que definem os grandes passos das grandes conquistas do nosso povo.

Muito obrigado. 25 anos. Felicidade, deputado Yulo Oiticica, pelo ato também.
(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Valmir Assunção):- Convido, para fazer uso da palavra, o superintendente regional do INCRA, Luiz Gugé. (Palmas)

O Sr. LUIZ GUGÉ:- Bom dia a todas e a todos aqui presentes. Eu gostaria, em primeiro lugar, de parabenizar a iniciativa do nosso nobre deputado Yulo; gostaria de cumprimentar a todos da Mesa em nome da nossa companheira Lúcia e da nossa companheira da sede, também as mulheres que estão tão bem representados e a nossa nobre deputada, e dizer que estar aqui hoje, nesta sessão especial, para mim é importante. É muito importante falar, estar aqui com vocês, porque sinto-me feliz em fazer parte, mesmo que um pouquinho, dessa luta.

É importante, sou servidor de carreira do INCRA, hoje eu estou, temporariamente, ocupando o cargo de superintendente; é importante dizer que a luta que nós travamos internamente, essa luta e esse trabalho que a gente vem desempenhando ao longo, pelo menos, dos 15 anos, devo muito ao fato da mobilização de vocês, não tenho dúvida disso, ao fato da indignação de vocês, da capacidade que

vocês têm de se indignar, de lutar, de buscar as melhorias. Conheço bem cada um de vocês, durante esses longos anos, cada um que olho, quantas e quantas vezes nós estivemos juntos em tantas reuniões, tantas discussões.

Mas sempre tenho dito: negociar com os movimentos sociais e, em especial, com o MST, não é difícil. Você tem que ter dois princípios básicos: falar a verdade e cumprir os acordos. Então, dentro desta lógica e dentro deste processo, eu acho que hoje os companheiros do Incra, que tem o mesmo tempo que eu tenho, 15 anos, foram educados nesse processo de negociação. Dentro desse processo, hoje eu digo a vocês que esse diálogo que vem sendo travado ao longo do tempo se torna mais fácil. Muitas vezes o diálogo é cansativo, demorado e não conseguimos chegar a um denominador comum, mas tenho certeza de que esse aprendizado foi muito importante para mim. Devo isso sem dúvida à capacidade de vocês, a essa força motriz, a energia que vocês conseguem reunir para mobilizar o Estado e fazer com que as coisas aconteçam.

Gostaria inclusive de saudar o Superintendente Substituto do INCRA, Marcos Nery, que também faz parte dessa luta, em nome de quem gostaria de saudar os servidores do INCRA.

O nobre deputado Yulo, em seu discurso, sintetiza tudo ao dizer que a luta de vocês é a luta pela vida. Eu me sinto feliz de fazer parte dessa luta pela vida.

Muito obrigado a todos. Parabéns pelos 25 anos. Desejo mais 200 anos para o MST e que nós façamos a reforma agrária nos próximos 20 anos pelo menos. Um abraço a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Gugé. Quem sabe faremos a reforma em menos tempo!

Convido para fazer uso da palavra o representante da Secretaria de Agricultura Ailton Florêncio. (Palmas)

O Sr. AILTON FLORÊNCIO:- Quero cumprimentar a todos e a todas, o nobre deputado Yulo Oiticica que convocou essa audiência, o deputado Valmir Carlos Assunção, nosso companheiro do Governo, a todas as mulheres aqui neste Plenário que além do exercício de ser mulher não temem lutar cotidianamente e fazer com que os seus direitos sejam garantidos. Lucinha representa muito bem a força da mulher, a busca pelos seus direitos, a luta pela terra cotidianamente, mas também em todas as dimensões da vida.

Quero cumprimentar também a nobre deputada Antônia Pedrosa, companheira do Governo da SEDES, o companheiro do Governo, Anselmo, o grande Presidente do PT, o nosso companheiro do CONSEA.

Acredito que neste momento temos que saudar a todos em razão do que esse momento significa. Quero trazer um abraço do Secretário Roberto Muniz que tem dialogado com todos, nesse momento de negociação, para que o Governo do Estado possa expandir esses direitos tão buscados no nosso Estado.

Quando o Governo do Estado está aqui discutindo, quando pensamos o que isso significa e o papel que exercemos na nossa história... Isso foi bem colocado pelo deputado Yulo ao resgatar a história da luta pela terra no nosso País.

Muitos esquecem, e por isso é importante lembrar que a luta pela terra no nosso

País não começou hoje, ela iniciou com os escravos quando trazidos para cá forçados, sem direito a vida e sem direito a terem um pedaço de terra para trabalhar. Temos que lembrar disso para lembrarmos também da luta dos companheiros do ponto de vista histórico que tombaram a fim de garantir o acesso à terra àqueles que querem trabalhar.

Devemos lembrar da luta histórica que tivemos para que o detentor da terra pudesse ter direito de nela trabalhar. Esse foi outro viés da nossa sociedade brasileira, da elite brasileira que dava a terra, mas não fornecia condições para produzir. E assim queriam comprovar que o trabalhador rural, o agricultor familiar e o assentamento de Reforma Agrária não tem viabilidade.

Foi isso que o Governo Lula herdou, um processo de Reforma Agrária construído ao longo da história em razão da luta, mas que não forneceu as condições de funcionamento necessárias.

É por isso, companheiro Valmir Assunção, que temos ainda uma grande missão que é revisar completamente as Leis que regem o domínio da terra neste País. Não é possível que um processo de desapropriação de terras, neste país, leve anos e anos, enquanto vários companheiros estão esperando o processo de desapropriação, (Palmas) para que possa vir a produzir para ter uma vida digna. Não é possível ter uma lei de terra secular no Estado da Bahia, que ainda não foi revisada. Aí, deputado, nós temos um grande desafio de rever a lei de terra no nosso Estado, que consegue ser pior do que a legislação federal. Nós temos esse desafio e nós temos essa pauta.

Como falamos, para nós, é necessário que tenhamos um momento como esse para podermos falar para a sociedade. Muitos que estão aí na sociedade, que estão lendo o jornal A Tarde, estão vendo alguns jornais diários e só conseguem ler esse processo que, neste momento, estamos aqui, pela lente do que é dito por um jornalista, que deveria ter um mínimo de consciência social, que pelo menos deveria ter um compromisso com a sua própria vida.

Quando nós andamos por uma cidade como Salvador e passamos por uma sinaleira que tem dezenas e dezenas de crianças mendigando, quando a gente passa pelo centro de Salvador e tem dezenas e dezenas de pessoas passando fome, dormindo nas marquises, nós temos que encarar essa luta da reforma agrária, não como uma luta somente dos Sem Terra, mas da sociedade brasileira, para aqueles que trabalham, para aqueles que têm dignidade e que precisam de dignidade.

Nós não podemos encarar a luta pela reforma agrária tão somente como uma luta daqueles que neste momento estão aqui, mas uma necessidade histórica da sociedade brasileira, porque nós precisamos fazer com que aqueles que precisam e aqueles que querem trabalhar tenham seu direito à terra.

Esse desafio, o governo Wagner e o governo Lula estão enfrentando. São 500 anos de construção e, neste momento, precisamos construir novamente e renovar a nossa grande pactuação em torno do direito à vida, do direito à terra e em função dos direitos daqueles que estão aqui neste momento.

Um grande abraço e vamos em frente, porque nós precisamos pautar a cada dia que a sociedade brasileira precisa da reforma agrária e desses companheiros que estão aqui lutando, não por um direito individual, mas um direito coletivo que historicamente foi negado para todos nós e para a sociedade brasileira. Um grande abraço e parabéns pelo ato. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido para fazer uso da palavra o nosso companheiro, presidente do PT do Estado da Bahia, Jonas Paulo. (Palmas)

O Sr. JONAS PAULO:- Quero, inicialmente, dar um bom-dia e saudar a cada um dos companheiros, trabalhadores sem terra que aqui estão neste momento nesta sessão; parabenizar o brilhante deputado, que orgulha o nosso partido nesta Casa, Yulo Oiticica; quero saudar o companheiro Valmir Assunção, liderança dos Sem Terra, que quebrou paradigmas, não só sendo eleito deputado desta Casa, mas sendo membro do governo democrático e popular liderado pelo nosso governador Jaques Wagner; quero saudar essa companheira lutadora, referência no movimento social, Lucinha, dirigente nacional do movimento; saudar todos os companheiros que estão à mesa do governo estadual e federal; companheiro do Conceia; quero saudar meu companheiro de partido e secretário de juventude do nosso partido; quero saudar a deputada Antônia Pedrosa e queria falar algumas coisas, porque fiz questão de estar na sessão, inclusive corri ontem para cá, não só para renovar compromissos do Partido dos Trabalhadores, mas também a gratidão que este Partido tem aos Trabalhadores sem terra, ao Movimento Sem Terra nessa caminhada brilhante de 25 anos.

Mas acho que o momento que estamos vivendo no País e no nosso Estado faz com que, meu caro Yulo, este momento, esta sessão tenha um significado muito mais forte, não só por ser hoje o dia em que a gente celebra a memória dos companheiros assassinados barbaramente no “Massacre de Eldorado dos Carajás”, mas porque também reverenciamos, neste momento, o tanto quanto eles deram a vida e o sangue na luta pela terra, pela democracia, por um país mais justo.

Sempre é necessário, quando a gente está diante do Movimento Sem Terra, reverenciar e dizer como este País mudou a partir do surgimento desse movimento. De como esse movimento, com a ousadia e a capacidade de lutar que tem, não só presentes nos acampamentos, mas nos assentamentos, ocupa os espaços institucionais e mostra que não existe democracia, não se constrói a verdadeira democracia se os trabalhadores não ocupam os espaços de poder no Estado.

Eu sempre digo que foram os sem-terra que tiveram a ousadia de, por dentro do movimento e a partir de um de seus fundadores, galgar os espaços da República e eleger o primeiro deputado federal deste País que era um trabalhador rural, o companheiro falecido no final do ano passado e que nós, do Partido dos Trabalhadores reverenciamos sua memória, Adão Preto. Também teve a mesma ousadia para construir a liderança que hoje está no governo, e eu já citei, o companheiro Valmir Assunção, que ao entrar no espaço desta Casa, com a luta dos trabalhadores, representava, sendo ele um dos fundadores, um dos articuladores do movimento, toda a luta dos trabalhadores pela terra neste Estado da Bahia.

Este momento é importante porque é, justamente, o momento e, que nós, na caminhada, conseguimos, a partir da nossa luta e da nossa capacidade, galgar os espaços importantes de poder neste País. Elegemos um trabalhador para presidente da República, mostramos ao mundo a capacidade da classe trabalhadora de dirigir o destino desta Nação. Extrapolamos os espaços do País e, hoje, somos uma referência e uma esperança do mundo na continuidade do processo de mudança liderado pelo

companheiro Luiz Inácio Lula da Silva.

A mesma ousadia tivemos na Bahia para derrotar as oligarquias e colocar um trabalhador do Polo Petroquímico como governador do Estado da Bahia.

Mas é importante esse momento, meu caro Valmir, porque eles não admitem isso, eles criam todas as formas de ação, tentando desestabilizar a nossa luta, e uma delas é a criminalização da luta social. Nós não podemos isso admitir num estado democrático, que acredita que a luta social é um instrumento que move as mudanças, modifica a lei e, efetivamente, consolida uma democracia em que o povo tenha vez, voz e direito.

E são esses, que durante muitos anos, localizados nos espaços de poder, locupletaram-se, enriqueceram, construíram fortunas e beberam sempre da fonte do latifúndio e do grande capital, que não aceitam processos de mudança. E queremos dizer, claro, que nós somos da luta e não somos iguais a eles, nós queremos o Estado para democratizá-lo, para servir aos interesses do povo.

Não adianta atacar o MST, não adianta atacar o governo do presidente Lula, não adianta atacar nossa caminhada rumo à emancipação efetiva deste País, do nosso povo e do nosso continente, realizando o grande sonho do grande Che Guevara, não adianta. Nós nascemos e temos no seio do nosso coração e no nosso sangue a utopia de um país livre, independente e soberano. E ninguém vai deter a marcha da classe trabalhadora. Isso tem que ficar claro. E mesmo que tenham marcado conosco, e nós sabemos que marcaram, meu caro Balbino, um grande encontro no próximo ano, sabemos que é importante esse encontro e também temos a responsabilidade, a consciência do que o mundo espera de nós. O mundo espera de nós a continuidade dessa caminhada. O Brasil espera de nós a continuidade da caminhada na Bahia. E nós dizemos claro neste abril vermelho, em que o MST pauta a sociedade brasileira com a reforma agrária, nossa caminhada é inexorável rumo à liberdade e queremos dizer, de coração, não temos medo porque não temos nada a temer.

Nós fomos forjados na dificuldade, na luta e por isso não temos nada a temer. Armem o que quiserem contra nós, porque nós temos a certeza de que nós somos da turma da verdade. E a verdade vai vencer.

É a partir do exemplo do MST que eu queria terminar a minha fala resgatando uma das canções que vocês ensinaram a este país. Este é o nosso país, e esta é a nossa bandeira (palmas). E por amor a esta faixa, Brasil, seguimos fileira.

Viva o MST! Viva o povo brasileiro!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Jonas Paulo.

Quero registrar a presença dos deputados Roberto Carlos, Álvaro Gomes e Bira Corôa e a justificativa de ausência do nosso Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, o professor Naomar de Almeida e do nosso secretário de Relações Institucionais, Rui Costa, pela impossibilidade de estarem presentes.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido para fazer uso da palavra o nosso companheiro, presidente da juventude do PT na Bahia, Gabriel Oliveira.

O Sr. GABRIEL OLIVEIRA:- Primeiro, quero saudar cada companheiro e companheira presente na atividade, militantes do MST e de outros movimentos sociais

que estão aqui presentes, saudar, claro, o nosso companheiro pela brilhante iniciativa, o deputado Yulo Oiticica, a Mesa em nome da nossa companheira da direção nacional do MST, Lucinha, e do nosso companheiro, também militante do MST, Valmir Assunção, que atualmente é secretário do Estado.

Começo registrando a honra da oportunidade de falar, não só em nome da juventude do PT e saudar também, neste momento, o nosso companheiro, presidente do partido, que acabou de se pronunciar, mas falar em nome da juventude e da luta juvenil, no nosso Estado e no nosso país e, por que não, no mundo.

O companheiro, deputado, brincava dizendo que o secretário Valmir Assunção teria dito que a Mesa seria composta só de jovens, mas também eu não tenho dúvida e tenho muito orgulho de dizer isto, companheiro, que no dia em que fui retirado do ventre da minha grande mãe, o MST já existia e eu sou o único mais novo na Mesa. O MST já tinha 1 ano de idade e eu estava apenas nascendo. Então, eu tenho muito orgulho de construir a minha história e luta política acompanhando a história do MST em nosso país.

É inevitável não repetir alguns elementos das falas anteriores. Entendemos perfeitamente a emoção do companheiro deputado Yulo Oiticica, ao fazer seu discurso, porque é exatamente essa palavra que define todas as atividades. Nós estamos juntos com o MST, construímos com o MST ou que nós somos convidados pelo movimento a estar presentes.

É emocionante estar junto com o movimento pelo motivo objetivo de que o MST é a expressão mais evidente, na minha opinião, de que a luta política, no nosso Estado e em nosso país, é viva. É possível construir a transformação social fora do Estado.

Hoje, lutamos por políticas públicas na esfera oficial, com a ascensão do nosso governo de Esquerda em nível federal e estadual, mas os diversos movimentos – sobretudo o MST, que é a expressão mais clara disso – têm consciência de que a luta política ainda é o caminho de conseguir transformar a nossa sociedade. O MST é um movimento que expressa no Brasil e no mundo uma consciência de classe ímpar. Não é à toa que nestes 25 anos de história uma das canções mais cantadas pelos companheiros e companheiras é aquela que diz que só sai reforma agrária com a aliança camponesa e operária. Ou seja, é um movimento que tem consciência absoluta de que a luta política e a transformação social no Brasil e no mundo só são possíveis juntando todas as classes trabalhadoras da sociedade.

É emocionante! Em momentos como este, nós, que somos de Esquerda e militantes pela transformação, termos certeza de que a luta política ainda é o caminho.

Ao saudar os nossos companheiros Elielson, que é coordenador de Juventude do MST, e Oséas, que também acompanha conosco a luta juvenil no Estado, quero, em nome da juventude baiana e da sua luta, saudar os 25 anos deste movimento, deixando o registro de que, sem dúvida nenhuma, a nossa luta é cotidiana.

Trazer o MST para dentro do Centro Administrativo e, mais especificamente, para dentro desta Assembleia Legislativa não é pouca coisa. Levamos, em janeiro, o governador para o encontro estadual do MST, sinalizando o diálogo com o governo do Estado. Mas, 3 meses depois, concluímos que o diálogo não é suficiente e trouxemos o movimento inteiro para a frente da Seagri com o objetivo de dizer que o governo precisa dar uma resposta imediata. E não é daqui a 20 anos, não, precisa dar uma

resposta agora em relação à reforma agrária na nossa Bahia. (Palmas)

É por isso que temos o governo do Partido dos Trabalhadores no Brasil e na Bahia; é por isso que temos companheiros ocupando cargos públicos; é por isso que temos Valmir Assunção, que foi eleito deputado estadual, ocupando uma secretaria de Estado. Queremos fazer a reforma agrária para garantir a justiça social e também a transformação e a qualidade de vida para toda a nossa população e para a juventude.

Queria deixar ainda a nossa saudação ao companheiro Yulo pela oportunidade.

Vida longa ao MST! Vida longa aos trabalhadores! E, como diz a nossa canção que sempre cantamos em todas as oportunidades que são dadas ao MST: *“de punhos erguidos nós estamos aqui para construir uma pátria livre e forte, construída pelo poder popular.”*

É isso que o MST representa para nós: o poder popular.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Gostaria de, rapidamente, ler um convite enviado pelo desembargador Gercino José da Silva Filho, que é o ouvidor agrário nacional e presidente da Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo, ao superintendente regional do INCRA, Dr. Luiz Gugé.

(Lê) *“Tenho a elevada honra de dirigir-me a Vossa Senhoria visando convidá-lo para participar da 30ª reunião que a Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo realizará na Câmara de Vereadores do município de Eunápolis, situada na rua Artulino Ribeiro nº 549, bairro Diná Borges, no dia 23 de abril de 2009, às 10 horas, quando serão discutidos conflitos agrários, reforma agrária e violência no campo na região do extremo sul do Estado da Bahia, além do conflito agrário na fazenda Putumuju, que se encontra ocupada por trabalhadores rurais sem-terras ligados ao MST, e o cumprimento de mandados judiciais de reintegração de posse de imóveis rurais com apoio da Polícia Militar.”*

Portanto, está feito o convite para o próximo dia 23 de abril, às 10h, na Câmara dos Vereadores de Eunápolis. O nosso companheiro Gugé faz questão de convidar os representantes do movimento para que estejam presentes assim como, naturalmente, representantes desta Casa.

Gostaria de chamar para falar a deputada Antônia Pedrosa, que já tinha solicitado. Logo em seguida, está convidado o deputado Bira Corôa.

A Srª ANTÔNIA PEDROSA:- Na pessoa do deputado Yulo Oiticica, proponente desta sessão, a quem parabenizo, gostaria de saudar todos os membros da Mesa e, em especial, a todos os homens participantes do MST, na pessoa do meu companheiro e amigo o secretário Valmir Assunção, e todas as mulheres guerreiras, lutadoras, camponesas, na pessoa de Lucinha.

Aqui muita gente não me conhece, nem mesmo de nome, mas se estou aqui, hoje, é porque temos dois tipos de lutadores: aqueles que lutam à frente do movimento e aqueles que lutam nos bastidores. Quero dizer a vocês que tenho uma história, por isso, hoje, estou aqui ao lado do MST. Em 1987, quando o MST tinha apenas três ou quatro anos, tivemos a maior reforma agrária, não do Brasil, mas da América Latina, que foi de Angical, realizada no governo do nosso querido Waldir Pires. Aquela

reforma, Valmir conhece, foi feita nos terrenos da Sertaneja, que pertencia ao ex-governador Antônio Balbino e ao ex-senador Eduardo Catalão e era gerenciada, naquela época, por ironia do destino, por meu marido Antônio Henrique. Ficamos em campos opostos: eu do lado do movimento e ele contra. Claro, ele defendia os interesses da empresa que representava, da qual ele era o gerente, e eu lutava a favor da reforma agrária.

Não foi fácil para mim enfrentar o meu próprio marido, com o prestígio que ele tinha, naquela época, com Antônio Balbino e as forças que governavam o Brasil. Às vezes, pegava minha filha de cinco anos e ia aos eventos e os movimentos da reforma, escondida do meu marido. Eu dizia a ele: “você manda no meu corpo físico, não na minha mente. A minha mente é minha, e na minha ideologia ninguém manda”. Então fizemos essa reforma.

Graças a Deus, tanto lutei – porque dizem que “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” – que, hoje – Walmir Siquara, que está aqui, Neto e Wilson são testemunhas –, Antônio Henrique é um defensor da reforma agrária. Basta dizer que, quando foi prefeito de Barreiras, por 8 anos, houve uma ocupação no rio de Ondas, ele, Dr. Gugé, foi comigo ao INCRA para pedir por aquele povo da reforma agrária. Em parceria com o INCRA, fizemos vários poços artesianos, estradas, eletrificação rural, e ele fez os melhores colégios da zona rural nos assentos da reforma agrária.

Recentemente, demos sustentação a todos os movimentos do oeste. Estão aí Valmir e Siquara que não nos deixam mentir. Então, apoiamos todos os movimentos com ônibus, além do Movimento das Mulheres com a Marcha das Margaridas em Brasília, onde estive uma vez.

Esta é a deputada Antônia Pedrosa que, às vezes, vocês não conhecem, mas tem uma história de luta e apoia vocês.

Estava pedindo ao superintendente do INCRA, estive nas reformas da Lapa, de Serra do Ramalho, e quero dizer para você, meu nobre superintendente, que em Curral das Várzeas o carro-pipa deixou de ir por causa das estradas. Dessa forma, gostaria de fazer um apelo ao senhor. O que eles mais clamam é por água. Lá existem milhares de famílias assentadas.

Sei que Valmir tem lutado muito, é um baluarte, uma bandeira. Vocês são testemunhas, porque o colocaram aqui como deputado; ele tem muito amor pela causa do movimento (palmas).

Também quero dizer aos nossos companheiros de Cotegipe, Santa Rita, Mansidão, Barreiras, sobre a reivindicação de energia. Ontem, estive com o secretário Batista Neves que, mesmo sem ir para o comitê-gestor, aprovou a eletrificação dos assentamentos que ainda estão sem energia.

Sendo assim, fico revoltada quando dizem que as pessoas do MST são vândalos, baderneiros. O que vejo aqui são cidadãos de bem, pais de família que procuram trabalhar, ganhar o pão de cada dia honestamente. O trabalho mais duro foi aquele que vocês escolheram, que é trabalhar na enxada, na roça.

Quero me despedir de vocês, saudando o movimento e mandando um beijo no coração de todos, em nome desta grande mulher que deu a vida pelo movimento: a Irmã Dorothy.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero registrar as presenças do deputado Luís Augusto, do nosso companheiro, professor Cláudio, do Colégio Vale dos Lagos, importante educador na luta pelos Direitos Humanos.

Convido Carlos Eduardo, presidente do CONSEA Bahia.

O Sr. CARLOS EDUARDO:- Companheiros e companheiras, quero parabenizar o Movimento dos Sem-Terra por essa caminhada de 25 anos.

E antes de cumprimentar a Mesa na pessoa do deputado Yulo, quero ressaltar a importância de estar sempre à frente das iniciativas desta Casa, no que diz respeito à luta pela terra, pela água e segurança alimentar. Quero saudar em nome do governo o companheiro secretário Valmir Assunção e a companheira Lucinha.

É um pouco difícil falar do movimento, porque também sou cria dele no início da minha trajetória. Venho dos movimentos de comunidade de base no Rio de Janeiro, antes de fazer a minha caminhada de 20 anos de Bahia.

Lá participei das primeiras equipes de técnicos de assentamento, junto com o companheiro João Pedro Stédile, fizemos toda a capacitação e formação de técnicos para atuarem na áreas de assentamentos no início da trajetória do movimento. Então, na verdade, no coração sempre carrego essa história, por mais que não esteja hoje organicamente dentro do movimento, nós tentamos, nas trincheiras que vamos construindo na vida profissional, na vida militante, fazer força, fazer presença junto ao movimento nos momentos que se tornam essenciais para que a luta pela vida, pela terra, pela água, pela soberania do nosso povo seja afirmada.

Gostaria de ressaltar a importância - na função que estou agora como presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado da Bahia - que foi o início do nosso processo, em 2003, de mobilização popular. O MST teve um papel importantíssimo, nós criamos a COMER – Comissão de Mobilização pela Soberania Alimentar no nosso Estado, que gerou a criação do Conselho de Segurança Alimentar.

A nossa luta tão recente já gerou uma grande vitória que foi aprovarmos, por unanimidade, nesta Casa, a Lei de Segurança Alimentar do Estado da Bahia. Talvez uma das poucas leis estaduais no Brasil que afirma o direito à terra como uma condição fundamental da soberania alimentar. A soberania alimentar que custa tanto ao nosso povo e é tão relativizada pelos poderes públicos ou pelas grandes elites do nosso País, por que não dizer do nosso Estado.

Nós temos grandes desafios aqui no Estado da Bahia. Eu queria fazer coro à fala do companheiro Aílton, superintendente da Agricultura Familiar, de que precisamos aprofundar seriamente a lei de terras deste Estado para fazer justiça à situação de desequilíbrio e de desigualdade que temos na questão da terra neste Estado. Temos que fazer valer essa lei que aprovamos há um ano e elaborar o nosso plano de segurança alimentar e nutricional para que possamos fazer valer uma política pública de segurança alimentar e não o combate à fome através de ações emergenciais, e fazer valer que o direito à alimentação, à soberania alimentar faz parte da luta dos movimentos sociais, da luta da sociedade, dos governos, porque o direito humano à alimentação é um direito fundamental, e o MST vem fazendo coro a essa questão

quando luta pela semente, pela terra, pelo direito à alimentação.

Então, o Conselho de Segurança Alimentar, gostaria de parabenizar o movimento, fazer coro a sua luta, temos o representante do movimento no nosso Conselho e temos outros movimentos sociais que trazem aqui o grande abraço e a grande força para vocês e para nós todos nessa grande luta soberana deste movimento que faz e história e que, eu diria, não é vida longa, é vida suficiente para garantir a soberania neste País.(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Gostaria de registrar a presença de nossa companheira Poliana Rebouças, que aqui representa o DCE da Universidade Federal da Bahia.

Convido para fazer uso da palavra o companheiro deputado Bira Corôa. (Palmas)

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom-dia a todos os companheiros e companheiras, quero, em primeiro lugar, parabenizar o companheiro Yulo Oiticica por mais esta iniciativa nesta Casa, pela afirmação da democracia e, acima de tudo, da valorização deste espaço como espaço da sociedade, das nossas lutas, por mais esta sessão especial, promovida por Yulo Oiticica, que reafirma a conquista e o momento novo que estamos vivendo nesta Casa. Quero saudar a Mesa e ao mesmo tempo saudar a todos em nome da companheira de luta Lucinha quero saudar todas as mulheres aqui presentes e aquelas que, não estando presentes, estão garantindo as nossas presenças, que são as companheiras que estão nos assentamentos, estão na resistência para que o movimento pudesse chegar à capital, chegar ao Centro Administrativo, ao cérebro do governo. As companheiras estão lá, segurando os acampamentos, assim como outros companheiros. Quero saudar todos os companheiros em nome do deputado, ora secretário de governo, ao mesmo tempo estendendo as nossas estimas a todos os secretário do governo Wagner, o companheiro Valmir Assunção, que representa melhor do ninguém este setor, um dos mais organizados da sociedade, o MST. Quero saudar a Mesa em nome de Gugé e, em especial, saudar todos pelas suas presenças. Quero saudar todos os deputados desta Casa em nome da deputada Antônia Pedrosa.

Companheiro Yulo, estive agora, pela manhã, a 130 quilômetros daqui abrindo uma atividade e puxei um pouquinho o carro para conseguir chegar aqui, pois não poderia deixar de estar presente nesta sessão que marca a importância dos 25 anos da maior entidade popular de luta construída nos dois últimos séculos neste País, que é o MST. Então, quero parabenizar o MST pelos 25 anos de resistência, de luta, mas acima de tudo de orientação e de formação de uma nova concepção da sociedade, instrumento estratégico e importante para o momento de consolidação da democracia que se vive no Brasil, na Bahia e em muitos municípios do nosso Estado.

Quero lhes dizer que este momento não é apenas de comemoração, é também um momento que demarca um processo de luta. Estamos, sem dúvida alguma, vivendo um governo de transformação, e eu dizia isso ontem à noite, no acampamento. Estamos vivendo um governo de transformação, mas é de transição, e a sua concretização depende da nossa capacidade de luta, da nossa presença, acima de tudo, da referência que o movimento traz para este processo de luta. Daí a importância da ocupação feita,

de utilizar a data de comemoração não apenas para um ato festivo, mas para demonstrar às sociedades baiana e brasileira a importância deste movimento e a referência de sua luta.

Hoje nesta Casa presido a Comissão de Promoção da Igualdade e tenho consciência de que não vai existir igualdade social, racial e política neste Estado e neste País enquanto o trabalhador e a trabalhadora do campo não tiverem a terra para, de fato, desenvolver as suas atividades laboriais. O MST como vários outros movimentos são estratégicos e importantes e registram este momento de conquista.

Por isso, companheiros e companheiras, para não me alongar muito, quero saudar todos, reafirmar a importância da luta e aqui depositar o meu respeito ao MST por ter mudado a história deste País e ser hoje o maior referencial popular do Brasil e no mundo. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, deputado Bira Coroa, do Partido dos Trabalhadores.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero também saudar as presenças do deputado Isaac Cunha, do Partido dos Trabalhadores, de Nelinho, vereador de Boa Vista do Tupim, do Partido dos Trabalhadores, também militante do MST, da nossa companheira Renata Rossi, secretária de Formação Política do Partido dos Trabalhadores, na Bahia, e do nosso companheiro Ângelo Almeida, vereador de Feira de Santana, do Partido dos Trabalhadores.

Convoco para fazer uso da palavra a nossa companheira Vera Lúcia Barbosa, diretora nacional do MST.

A Sr^a VERA LÚCIA BARBOSA:- Bom-dia a todos e a todas.

Quero saudar a Mesa, todos os companheiras e companheiros. Até que enfim, pela primeira vez. A minha maior agonia era para que me colocassem para falar antes de Valmir. Não poderia falar depois, pois não teria o que falar.

Mas quero parabenizar o deputado Yulo Oiticica, e saudar sua iniciativa, grande companheiro de luta do MST e, acredito, de todos os movimentos sociais. Quero saudá-lo não só pela sessão especial que convocou, mas por sua trajetória junto aos movimentos sociais, por sua luta pelos direitos humanos, na defesa dos direitos humanos em todos os espaços, tanto na zona rural como na zona urbana.

Parabéns pelos 25 anos do nosso movimento. E nesses 25 anos temos a honra... E a imprensa nos perguntava o que fazemos de balanço positivo nesses 25 anos de MST. E a resposta simples que sempre damos é: só pelo fato de nós do MST termos 300 mil famílias assentadas, e nos assentamentos já temos um território onde podemos organizar as nossas casas, o nosso modo de vida, isso já é um acúmulo muito importante para a vida interna do MST e também para a sociedade, por que o que seria dessas 300 mil famílias se não estivessem nas áreas de assentamento do MST e estivessem nas cidades? O impacto social seria muito grande. Então, é um acúmulo muito importante que acumulamos nesses 25 anos de MST.

Além das 100 mil famílias, precisamos ainda travar uma batalha pelos que estão também nos acampamentos, para resolver o problema dos acampamentos. Temos a honra aqui, na Bahia, que dentre essas 100 mil famílias, na Bahia estão mais de 25 mil

famílias acampadas, aguardando o retorno do Incra e do governo do Estado. Por isso a nossa luta, por isso a “Jornada do Abril Vermelho”. Diga-se de passagem, estamos na Seagri, estamos em constante negociação com o Incra, mas também nas nossas regiões. Até agora, no “Abril Vermelho”, com a companheirada nossa da “Frente de Massa”, das brigadas das regiões, já conseguimos contabilizar mais de 50 ocupações até agora, na luta pela distribuição igual do latifúndio. (Palmas)

Agora, há pouco, o deputado Yulo estava lendo a convocatória do desembargador Gercino, que está indo para a audiência pública do Extremo Sul, que vamos fazer no dia 23.

E dentro dessas 50 ocupações, duas nos chamaram a atenção: uma inclusive estará nessa audiência do dia 23, a de Putumuju, que é uma ocupação dentro da área da Veracel. E essa audiência do dia 23 não será só para discutir a ocupação da fazenda da Veracel, será para discutir a plantação indiscriminada de eucalipto na Região do Extremo Sul e que já está subindo para a Região Sudoeste, ocupando as melhores terras agricultáveis do Extremo Sul e do Sudoeste da Bahia.

Então, nessa audiência também queremos fazer a denúncia da ocupação indiscriminada de terras devolutas, que são públicas, que estão sendo ocupadas pelas grandes empresas e não estão sendo distribuídas para a reforma agrária, mas servem para fazerem as plantações de eucalipto.

A ocupação dos companheiros do Baixo Sul, que acabamos de fazer, na quarta-feira, na Fazenda Culturosa, que é a segunda maior fazenda de seringais.

Então, parabéns aos companheiros do Extremo Sul e aos companheiros do Baixo Sul por essa luta incansável pela defesa de uma verdadeira distribuição de terra no nosso Estado e no Brasil.

Nesses 25 anos de luta do MST, além do acúmulo das famílias acampadas e assentadas que temos, sempre seguimos o lema de ocupar, resistir e produzir, produzindo não só para nos alimentar e às famílias que estão circunvizinhas ao assentamento, mas produzindo conhecimento, novas relações humanas, novas relações de gênero. Esse é o acúmulo histórico que também o nosso movimento faz e contribui com a história no decorrer desses 25 anos.

Só na área de cursos formais, o Movimento Sem Terra, em nível nacional, estamos com uma média de 65 cursos formais, até de nível médio. Cursos para nossa militância, para nossa juventude, os companheiros e companheiras estão de fato se qualificando para fazer essa luta com maior qualidade.

Estamos também com um convênio com Cuba, o projeto “Sim, Eu Posso”, para erradicar de vez o analfabetismo das nossas áreas de assentamento, para fora, nesse acúmulo moral que o Movimento Sem Terra no decorrer desses 25 anos vem traçando. Estamos com diversas relações com outros países para fazer também com que outros países compreendam a nossa luta e a gente faça esse intercâmbio de ajuda mútua. Nós estamos com brigada no Haiti, ajudando os companheiros a recuperar o solo que foi deteriorado no decorrer de muitas batalhas, estamos com uma brigada lá para ajudar os companheiros no processo de agricultura de fato. Na Venezuela estamos com outra brigada, inclusive com curso de agronomia, em parceria com o governo Hugo Chávez. Em Cuba, estamos desenvolvendo a parceria na área de formação de médicos. Nessa última levada, mandamos quase 10 companheiros e companheiras da Bahia para

voltarem de Cuba médicos formados e nos ajudar no problema da saúde pública nas áreas de assentamento e nas cidades circunvizinhas. Em Moçambique temos uma brigada ajudando os companheiros na área da educação e construção de escolas.

Então, esse patrimônio, além das áreas que temos constituídas, o movimento, no decorrer desses 25 anos, tivemos um acúmulo moral de ajudar as outras organizações, de sinalizar para a sociedade que o caminho é pela esquerda, que esse modo de vida cuja ordem temos estabelecida não cabe ao ser humano, não cabe ao homem, não cabe à mulher, está acima do lucro, dos patrimônios.

Então, nesses 25 anos, temos construído esse patrimônio moral, de convocar para uma luta, de convocar para um novo modelo de desenvolvimento,

Hoje, dia 17 de abril é o dia internacional da luta pela terra. E isso foi depois do massacre de Eldorado dos Carajás. O movimento andou fazendo discussão em nível internacional, com a Via Campesina, com o CLOC, e conseguimos transformar este dia no dia internacional da luta pela terra depois do massacre ocorrido em Eldorado dos Carajás.

Há uns dados da CPT que diz que 2003 para 2008 tivemos mais de 1.117 conflitos. E mortes tivemos mais que o número de conflitos. Estamos em torno de mais de 1.500 mortes no decorrer desse tempo. Só 85 casos foram julgados e só 19 foram condenados. Não tem um assassino na cadeia. Então isso nos chama para a responsabilidade, tanto os movimentos sociais, a sociedade organizada como um todo, mas, sobretudo, o Estado. É preciso que de fato a gente discuta que justiça é essa que os seres humanos estão abaixo de qualquer outra coisa.

Nós assistimos há alguns dias atrás um conflito dos companheiros e companheiras no Estado de Pernambuco, onde foram mortos dois ou três capangas de fazendeiros. E vimos a indignação e a fúria com que o nosso Parlamento foi para a imprensa criminalizar o movimento Sem Terra, os movimentos sociais, dizendo que aquilo era um absurdo acontecer. Além do Parlamento, também o Judiciário veio para cima, e trouxeram à tona outros casos para fazer com que os movimentos sociais abaixem a cabeça.

E a gente começa a se perguntar: por que essa fúria e essa indignação eles não tiveram no decorrer das tantas mortes e tantos assassinatos nos campos? E nós não vimos em momento nenhum qualquer manifestação desses poderes, uma indignação como eles manifestaram com o caso de Pernambuco, que é um caso que diz respeito à responsabilidade do governo federal, do Estado, que é fazer de fato a reforma agrária acontecer.

Por isso, companheiros e companheiras, o Movimento dos Sem Terra, nesses 25 anos... E diversos companheiros diziam: Vida longa ao MST!, é muito bom ter vida longa, mas nós esperamos que a reforma agrária saia logo. Que as mobilizações, de fato, não fiquem só no MST, no MLT, no Movimento dos Sem Teto, mas que a gente faça uma força tarefa dos movimentos sociais do Estado, para que de fato o MST não precise ter vida longa, para que a gente, lógico, tenhamos vida longa em outros estágios, mas neste debate da reforma agrária é preciso que a gente tenha vida curta, neste debate, porque a reforma agrária precisa acontecer, porque o caos social está aí, a crise econômica está aí, as grandes empresas, o agronegócio onde o modelo apostou que de fato seria alternativa para o desenvolvimento da sociedade como um todo, está

dizendo que não é, está demitindo diversos companheiros e companheiras que estão voltando para a cidade e vão ser marginais.

Então, há saída para isso. É preciso que a gente grite num coro só, que a saída para isso é a reforma agrária constituída em nosso País.

Então, companheiros e companheiras viva o socialismo, viva a esquerda brasileira e viva a todos e todas que lutam pela terra e em outras lutas sociais em nosso País.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Lucinha. Quero convidar para a Mesa, pena que não tem nenhum lugar vazio, o nosso professor Cláudio que sente conosco, porque o que Lucinha acabou de dizer é fundamental. Essa unidade da luta e do campo, Cláudio é professor aqui da cidade, da luta urbana que não abre mão de defender a luta do MST. (Palmas.)

(A plateia se manifesta aclamando a sigla MST.)

Convido nosso próximo orador, deputado licenciado, militante do movimento e Secretário do Desenvolvimento Social e Combate a Pobreza, Valmir Assunção. (Palmas.)

O Sr. VALMIR ASSUNÇÃO:- Quero, de uma forma especial, saudar o deputado Yulo Oiticica, pela iniciativa de homenagear os 25 anos do MST. O deputado Yulo que, sempre, nesta Casa, defendeu os sem-terra, defendeu os sem-teto, defendeu a juventude, as mulheres sempre esteve ao lado daqueles que foram excluídos pela sociedade, muitas vezes pelo poder.

Quero, saudando o deputado Yulo, saudar o deputado Bira Corôa, saudar a todos os deputados que passaram aqui durante esta sessão. Quero saudar o nosso companheiro Cauê, que é o coordenador do Conselho de Segurança Alimentar do Estado, um conselho vinculado a nossa secretaria que tem a responsabilidade de construir a política de segurança alimentar do Estado e apresentar isso ao governador para que tome as decisões sobre segurança alimentar.

Ao companheiro Anselmo, da Coordenação de Reforma Agrária. Quero de uma forma especial saudar o presidente do INCRA que tem feito um esforço muito grande para desapropriar, para liberar crédito, enfim para avançar essa reforma agrária, atendendo as reivindicações dos movimentos sociais. Saudar a todos da Mesa, mas quero saudar todos os militantes deste Movimento, saudando minha companheira Lucinha.

Lucinha que é uma dirigente deste Movimento, que nasceu mediante uma ocupação que fizemos em Itamaraju em 88, se não me engano foi em fevereiro ou março de 88 e naquela ocasião ela foi cozinhar para o pai, uma menina de quinze anos e hoje é a nossa dirigente que nos orgulha. E nós, do Movimento, sempre falamos, Cauê, que temos que seguir o exemplo de Che Guevara, agora qualquer militante do movimento, da Bahia, se quiser ser um dirigente, se quiser ser respeitado em todas as instâncias, quiser ser respeitado dentro dos assentamentos, dentro dos acampamentos por outras organizações, em todos os espaços de governo, em toda sociedade siga o exemplo de Lucinha (palmas), que, tenho convicção, de que qualquer um chegará ao

posto e a responsabilidade que ela tem na construção deste Movimento.

Nós somos um movimento que ao longo desses 25 anos, enfrentamos muitas dificuldades pela natureza da nossa luta, porque é de enfrentamento ao capital, contra as propriedades privadas que existem neste País que se tornaram latifúndios, os quais sempre tiveram uma, duas, três pessoas trabalhando em detrimento do número de pessoas que estão ali e que sempre produziram alimento, a sua vocação sempre foi trabalhar na roça, aí, veio um processo de industrialização, neste País, que obrigou muitas pessoas a irem para as grandes cidades trabalhar na construção civil, analfabetas e pobres.

Quando industrializaram este País, nunca nos perguntaram, Gugé, se teríamos ou não capacidade para trabalhar na construção civil. Ao longo desses anos, quando se ocupa uma terra, vêm logo as perguntas: esse é trabalhador rural? É um sem-terra? Sabe trabalhar na roça? São perguntas corriqueiras daqueles que não querem fazer a reforma agrária nem na Bahia e nem no Brasil. Então, a contrapartida e aquilo que temos enquanto instrumento para enfrentar essas perguntas é cada vez mais ocupação, cada vez mais mobilizar as pessoas, cada vez mais fazer assentamento. (Palmas)

Ao longo de todos esses anos, houve muitos massacres: Corumbiara, Eldorado dos Carajás, eles assassinaram muitos companheiros, muitos outros foram para a prisão. Muitos aqui já foram presos por estarem lutando pela reforma agrária, por estarem lutando pela vida, por quererem democratizar essa estrutura agrária baiana e brasileira. Muitos foram presos!

Mas eles sempre pensaram que com uma prisão ou o assassinato dos nossos companheiros, por si só, o Movimento dos Sem-Terra se acabaria. Digo isso porque, recentemente, um cidadão, governador de São Paulo, que quer ser presidente da República, disse que tem que acabar com os sem-terra, porque não tem como conviver com o Movimento dos Sem-Terra ocupando terra e desobedecendo às ordens estabelecidas.

Qual a ordem estabelecida? É a ordem de passar fome?! É a ordem da miséria?! É essa ordem que o governador de São Paulo quer implementar no Brasil?! Essa ordem não aceitaremos, porque o Movimento dos Sem-Terra, juntamente com diversos movimentos, trabalhamos, ao longo desses 20 a 30 anos, para democratizar o Brasil. E todos nós temos o direito de reivindicar, porque temos o direito de ser cidadãos, temos direito à terra, temos direito à reforma agrária, temos direito à educação, à saúde, temos direito de viver neste Brasil enquanto cidadãos respeitados. É por isso que fazemos a luta pela reforma agrária.

E, aí, nessa trajetória toda enfrentamos desafios, Gugé, de o governo Fernando Collor ter tido a capacidade e a ignorância de tentar fechar o INCRA. Foi a luta do Movimento dos Sem-Terra, com o apoio dos movimentos sociais, que impedimos isso; porque se não nem o INCRA existiria. Ele acabou com nosso crédito do Proterra e foi com a luta do Movimento dos Sem-Terra que hoje temos o Pronaf. Mesmo alguns assentamento não o recebendo, foi uma luta do Movimento dos Sem-Terra, na nossa sociedade, que levou a termos esse crédito.

Então, todo o processo de reforma agrária quando damos um passo à frente, eles vão criando outros instrumentos para tentar impedir o nosso avanço. Avançamos muito na ocupação de terra, eles criaram crédito fundiário, naquela época, para tentar impedir

o avanço da reforma agrária. Sem saber eles que não há jeito, qualquer governo, como faz o governo Lula ou qualquer outro governo tem que ter a compreensão, só se faz reforma agrária num País como o nosso, onde pouca gente detém mais da metade das terras, onde 70% dos alimentos são produzidos pela agricultura familiar, dos assentamentos de reforma agrária, onde as grandes empresas, que são poucas, fazem atividades que são, simplesmente, através da monocultura, ou do etanol, ou do eucalipto, ou da soja, onde, neste País, os trabalhadores são maioria, não tem outra alternativa. Só faz reforma agrária, se por acaso os trabalhadores forem à luta, se os trabalhadores se mobilizarem. Não se faz reforma agrária no canetaço, não tem jeito, por mais que quem diz que faz pelo canetaço tenha vontade, dê prioridade, mas se faz reforma agrária é com ocupação, é com caminhada, é enfrentando o latifundiário. (Palmas)

E é por isso que nesses 25 anos de história o Movimento dos Sem Terra continua de pé, o Movimento dos Sem Terra continua vivo. Nesses 25 anos de história, mesmo tendo muito massacre, mesmo com assassinatos de diversos companheiros nossos, mesmo com muitos companheiros e companheiras sendo presos, nós estamos enfrentando. E eu tenho convicção de que a natureza da nossa luta cada vez mais está mudando, e estamos tendo grandes conquistas.

E Lucinha retratava aqui os diversos cursos que nós temos, o apoio de diversas organizações e ao mesmo tempo o espírito de solidariedade estabelecido no Movimento. Esse é o nosso patrimônio e por isso nós estamos aqui.

Nós estivemos recentemente, na Câmara de Vereadores, no mês de março, sendo homenageados pelos 25 anos. Quando nós começamos o Movimento dos Sem Terra e viemos aqui na Assembleia Legislativa reivindicar os nossos direitos, os nossos companheiros foram espancados, apanharam aqui na Casa, e isso mostra que nós estamos avançando cada vez mais.

Quando nós iniciamos o Movimento nós não tínhamos capacidade de uma jornada de luta, de fazer 50 ocupações de terras, nós fazíamos uma por ano ou duas, ou três. Em um mês só, hoje o Movimento já tem capacidade de fazer 50 ocupações de terras. E eu tenho certeza que poderia fazer muito mais, porque nós temos um grande patrimônio interno, que é essa militância que doa a sua vida, dia e noite, em construção desse Movimento. E é esse patrimônio que está aqui, hoje, é esse patrimônio que acampa na Secretaria da Agricultura.

Hoje de manhã, um repórter ligou, Yulo, para perguntar se eu estaria na sessão especial e eu respondi que sim. E ele disse: como você vai estar, se os Sem-Terra estão ocupando a Secretaria da Agricultura? E eu falei que era justamente por isso que estaria, porque se hoje sou um secretário, um deputado licenciado, se eu for um deputado mais votado do Partido dos Trabalhadores é porque essa militância do Movimento dos Sem Terra trabalhou dia e noite para me eleger. (Palmas) O governador Wagner me convidou para ser Secretário de Estado não foi, simplesmente, por causa dos meus olhos bonitos, mas porque eu sou militante desse Movimento. (Palmas)

Então, não é incompatível eu estar na Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza e ir ao acampamento dos Sem Terra, tanto faz aqui, na Secretaria de Agricultura, no INCRA, ou em qualquer latifúndio, ou em qualquer espaço. Sabe por quê? Porque a reivindicação do Movimento dos Sem Terra o nosso governador

Jaques Wagner reconhece que é reivindicação legítima, justa, e o governo tem que trabalhar para cumprir as reivindicações estabelecidas no processo de negociação.

Então, aqueles que acham e que pensam que a gente não pode estar, aí teve uma resposta de um amigo nosso que está no acampamento dos sem-terra. Ele foi almoçar comigo lá na secretaria, quando falou um pouco sobre a conjuntura que estamos vivendo. E uma repórter foi entrevistá-lo e perguntou se não era errado um militante do movimento sem-terra fazer parte do governo. Ele respondeu: “Você já perguntou se é errado ou certo um latifundiário ocupar a Secretaria ou o Ministério da Agricultura? Você já perguntou se é certo ou errado um grande empresário assumir Secretaria ou Ministério da Indústria e Comércio? Ou um grande banqueiro assumir o Banco Central? Vocês já perguntaram isso?”

E ele também disse: “Graças à luta do povo, hoje, no Brasil, podemos ter sem-terra, sindicalista, homens e mulheres do campo popular nos espaços de governo para defender esses movimentos, que são legítimos e justos”. Falando isso, ele fortalece ainda mais as nossas convicções de que temos de continuar caminhando e ocupando e ocupando todos os espaços.

Gostaríamos de já ter na Justiça – que tem sido muitas vezes um grande entrave à desapropriação de terra, às emissões de posse, enfim, ao processo de reforma agrária – uma pessoa oriunda do movimento social e calejada na luta, porque só quem vive debaixo de uma lona preta, sabe que ela goteja durante a madrugada e também quando o Sol está quente.

Então, quem está lá não tem vida boa nem de noite nem de dia. São essas pessoas que sabem da necessidade de avançar o processo de reforma agrária no nosso Estado e no nosso País!

Concluo, meus companheiros e minhas companheiras, dizendo a todos vocês o seguinte: se existe uma coisa de que me orgulho, foi ter feito parte da direção nacional do movimento por mais de 10 anos e ser da coordenação nacional. E também me orgulho por ter vivido todas as fases do MST na Bahia desde a primeira ocupação.

E tem outra coisa que é preciso retratar aqui. Assumi o mandato em janeiro de 2005, e esta Casa estava repleta de sem-terra. Naquele dia, fiz este gesto (o orador coloca o boné do MST) dizendo que estava colocando o boné dos sem-terra porque tinha sem-terra na Assembleia Legislativa. (Palmas). Qual foi a grande surpresa, deputado Yulo? No outro dia, o jornal *A Tarde* trouxe uma manchete que dizia que os sem-terra estavam assumindo o mandato de deputado estadual na Assembleia, que a sessão tinha muitos sem-terra e que o deputado sem-terra não sabia falar português.

Eu disse, naquele momento, que não tinha problema, porque aqui é a Casa do povo, e eu estava representando uma parcela do povo, que é justamente essa mais pobre, analfabeta. Ou seja, eu estava sendo porta-voz dessas pessoas.

Então, não me envergonharia de ser analfabeto. E eles ficassem tranquilos, porque, ao longo desses anos, ia continuar aqui na Assembleia discursando, mesmo falando um português errado. E aí, depois de todo esse processo, tornei-me um deputado mais votado, assumi a secretaria. E ninguém mais falou que eu falo errado, mesmo sabendo que muitas vezes não falo português correto. (Palmas)

Estou explicando isso para vocês, porque depois a gente assume o governo, deputado Yulo, e depara com a seguinte situação: temos um Estado que tem 2,176

milhões de analfabetos, que não sabem assinar o nome. Esse é um dado real! Não faço parte desses 2 milhões; acho que quem cursou até a 8ª série é um pouco mais ainda.

Agora, eles estiveram no governo durante todo esse tempo, durante vários e vários anos, e não tiveram capacidade de fazer com que o nosso povo se alfabetizasse. Este é um grande desafio do nosso Movimento dos Sem Terra neste próximo período, Lucinha: zerar o analfabetismo dentro dos assentamentos. (Palmas) Este é um desafio fundamental para todos nós, porque o processo de educação, está comprovado, faz com que a gente cada vez mais possa avançar na nossa luta.

Temos, porém, outros desafios. Um desafio que estamos vivendo e temos enfrentado nessa conjuntura, Anselmo, é poder dialogar, mostrar para aqueles que criaram a crise que existe uma crise e que esta gera desemprego. O modelo que eles criaram no Brasil gera isso, mas não estou vendo a agricultura familiar dispensar, mandar ninguém embora. Então, meus companheiros e minhas companheiras, temos como apresentar para a sociedade outra forma, outro modelo de produção. Está comprovado que o monopólio, está comprovado que essa forma que eles criaram no mundo não dá certo.

Por que não se adotarem a metodologia e a forma que os movimentos sociais construíram ao longo desses anos? O fortalecimento dos assentamentos, da agricultura familiar, por que não se faz isso?

Este é um desafio: fazermos com que a sociedade absorva esta nossa luta, que a gente seja parceiro nesta construção.

Não dá para a gente só produzir alimento, é preciso produzir o alimento para sustentar o nosso povo brasileiro. Na hora das nossas dificuldades, este mesmo povo brasileiro tem que estar lado a lado conosco. Os grandes ricos deste Brasil, do agronegócio recebem mais de 60 bilhões de reais de incentivo para poder produzir. A agricultura familiar recebe 12 bilhões. A diferença é muito grande. Precisamos de mais recursos para investir na terra, mais recursos para produzir alimento. É preciso também diminuir o tempo debaixo da lona preta. Este também é um grande desafio. Como criarmos mecanismos que possam dar agilidade ao processo de desapropriação? Não dá para esperar 1 ano, 2 anos, 4 anos, 5 anos ou 16 anos, como é o caso da Rosa do Prado, que foi o tempo que esperamos para ser assentados. É preciso que se tenha agilidade para diminuir o sofrimento das pessoas, das famílias. Este é um outro desafio que temos pela frente. Só através da luta vamos conseguir nos reafirmar e de uma vez por todas resolver este problema da reforma agrária.

Para encerrar definitivamente, até porque este é um momento importante para todos nós, vocês estão num processo de negociação - e a nossa expectativa é a de que esse processo de negociação com o governo do Estado hoje possa dar bons frutos e a gente possa voltar para as nossas casas, para os nossos acampamentos, nossas casas nos assentamentos -, e é preciso que nessa trajetória a gente compreenda que existem dois, três projetos debatidos na nossa sociedade. Nesse processo de debate, não podemos nos furtar disso. Nesse processo de debate, temos que reafirmar as nossas convicções para poder - acredito que neste próximo período, de 10, 20 anos - mudar a estrutura agrária brasileira. Muita gente fala que tem que fazer a reforma agrária, muita gente defende a reforma agrária, mas que reforma agrária? A reforma agrária de um município? A reforma agrária de uma região?

Nós, do Movimento, acreditamos que temos de fazer reforma agrária que signifique a mudança na estrutura agrária brasileira. Não é simplesmente ter um assentamento, não é simplesmente ter um crédito. É preciso ter uma política que permita uma mudança na estrutura agrária brasileira. Para fazer isso, é preciso que haja cada vez mais o processo de ocupação, mas existem outras frentes que precisamos ter como conquista. Do mesmo jeito que essas conquistas que temos foram frutos da luta, toda a sociedade só tem conquista se lutar. Isso não tem jeito. Eu estou falando isso para dizer que hoje, no Movimento Sem Terra, nós temos a paridade em termos de poder internamente do movimento: metade de homens e metade de mulheres.

Mas isso foi uma conquista das mulheres ao longo desses anos. Não foi nada dado pelos homens internamente dentro Movimento Sem Terra ou pela sociedade. Foi uma conquista das mulheres. Por isso, nós temos Lucinha, hoje, na direção do Movimento Sem Terra. As mulheres começaram a votar em 1932. Mas eram as mulheres que sabiam escrever. Então, não eram as mulheres de nossos companheiros e companheiras deste estado e deste País. A partir de 1988, permitiu-se às mulheres analfabetas votarem. As mulheres passaram a ter os direitos iguais em termos de voto. Então, tudo isso foi uma conquista. Então, nós estamos num movimento social, homens e mulheres, conseguindo conquistas em nossa sociedade. Isso é fundamental para todos nós.

Nós vamos entrar em um ano crucial que é o ano que vem. Também será um ano que nós temos de continuar fazendo o que nós sempre fizemos, mas também será um ano eleitoral. E no ano da eleição vão ter dois projetos em jogo: o do PSDB que quer acabar com o movimento e tentaram fechar o INCRA – nós já conhecemos como eles fazem e o que eles fizeram no Movimento Sem Terra, porque criminalizaram o nosso movimento ao longo daqueles anos. E nós vamos ter outro projeto. Eu digo sempre que nós temos a facilidade de ter, em 2010, a oportunidade, já que as mulheres são 52% da nossa sociedade. Então, que se tenha a oportunidade de dar continuidade ao projeto com essas mulheres que vieram construindo desde 1932, 88, enfim, vieram construindo na sociedade as políticas que fazem com que se reafirmem as suas convicções.

E nós temos a oportunidade de eleger uma mulher para dirigir este País. Pela primeira vez em nossa história, nós vamos ter esta oportunidade. Isso significa darmos continuidade a um projeto, mas significa os movimentos sociais continuarem na caminhada, na luta, reivindicando. Independente de quem seja o presidente da República, independente de quem seja o governador do estado, o movimento social, por natureza e por suas convicções, nunca pode abrir mão de suas bandeiras, nunca pode abrir mão de sua caminhada, nunca pode abrir mão das pressões, nunca pode abrir mão das ocupações, nunca pode abrir mão de sua bandeira.

Por isso, nós temos a bandeira vermelha e esta bandeira vermelha tem de ser carregada em todos os espaços, em todos os lugares, embicando as nossas convicções. (Muitas palmas) Viva o MST! (Palmas) Viva a luta dos trabalhadores! (Palmas) Viva aos 25 anos! (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, companheiro Valmir. Talvez, Valmir não saiba falar tão bem o português, mas sabe falar o brasileiro como

poucos. (Palmas)

Quero registrar aqui a presença da Associação dos Trabalhadores e Desempregados Sem Teto de Salvador; também Ângela Almeida, vereadora do PT em Feira de Santana e da companheira.

Quero convidar a companheira Lio do MST que fará uma participação especial neste momento ao apresentar o seu canto e, em seguida, falará.

(Apresentação musical.)

(Muitas palmas)

A Sr^a Liu:- Companheiras e companheiros, há 25 anos, como muitos aqui e como todos aqui, muitos porque muitos têm 25 anos e todos, porque todos são parte de 25 anos de história do MST. Todos por que sem terra, por que amigo, por que companheiro. De qualquer modo, fazem parte desta história. E como foi mostrado na mística, parte também faz esta história massacre, conquista, luta e resistência. A resistência é tanta que estamos há quase uma semana na capital da Bahia para fazer as nossas reivindicações. E continuaremos talvez se for necessário.

Mas, neste momento, o que nos traz aqui é fazer os agradecimentos em nome de todos os companheiros e todas as companheiras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Gostaríamos de agradecer a todas essas figuras que são todos nossos parceiros. Quanto ao deputado Yulo, o nosso muito obrigado pela sessão e, principalmente, pela luta. Digo que o nosso obrigado não é para a luta se encerrar, mas que você se torna mais um ser na massa assim como cada companheiro que faz parte, que ainda queira fazer parte da luta pela terra e pela justiça social.

Então, nós gostaríamos de agradecer ao deputado Yulo Oiticica (palmas); ao secretário, mas principalmente o militante Valmir Assunção (palmas); ao companheiro Aílton Florêncio, companheiro Luiz Gurgel, companheira Roberta Sampaio; companheiro Eduardo Leite; companheiro Luiz Ancelmo; companheiro Gabriel; companheiro Cláudio, e companheiro Bira Corôa e a companheira Vera Lúcia Barbosa.

O Povo Sem Terra agradece lutando. Então, é lutando que vamos agradecer: “Ocupar, resistir, produzir, combater, ocupar, produzir, resistir, combater, ocupar resistir, produzir, combater”.

(Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero ainda saudar a presença de Moisés Rocha, vereador da cidade do Salvador, também companheiro das lutas pela reforma agrária. (Grito de guerra dos sem-terra)

Quero em nome de toda a Mesa agradecer pelo presente, carinhoso presente. Saibam que vocês mexeram profundamente com a vaidade e com o ego de todos nós, porque poucos são dignos de usar esse boné, poucos são dignos de ganhar esse presente. (Palmas)

Neste momento, nós da Mesa recebemos exatamente o maior prêmio que tem os 25 anos do MST no Brasil, que é a dignidade. Que o Deus da vida, esta Bahia, Roberta, de tantos santos, encantos e axés, onde mais existem famílias neste momento, brigando, clamando por assentamentos nos acampamentos pela reforma agrária, essa energia que a gente consegue transformar cada vez mais em resistência continue sendo eternamente a marca do MST. Não tenho dúvida de que os homens e mulheres que esse movimento faz brotar lutam hoje pela reforma agrária, para que amanhã seja realidade e a gente

tenha que lutar por outras coisas. Quem sabe pelo carro novo, pela casa com piscina, pela possibilidade de ir o dia que quiser ao teatro ou coisas parecidas?

Essa é uma luta por direitos humanos. A vida deve ser longa e deve ser eterna, exatamente, porque essa luta é pela cidadania. Parabéns a todos e a todas. Em nome de Deus, nós, mais uma vez, agradecemos e parabenizamos a todos nós.

Está encerrada a nossa sessão.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*